RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

Identidade artificial: leitura, identidade cultural e caminhos da literatura no Brasil

Artificial identity: reading, cultural identity, and paths of literature in Brazil

Itana Nogueira Nunes – Universidade do Estado da Bahia - E-mail: innunes@uneb.br

Resumo

O cenário brasileiro apresenta uma série de mudanças e incertezas no âmbito das Letras, da produção do conhecimento e da ciência, o que justifica a necessidade de um debate sobre os caminhos futuros da nossa cultura em consonância com os avanços no mundo digital. O objetivo deste estudo é propor uma reflexão sobre a valorização da leitura, da autonomia nas escolhas, do gosto literário e do espírito crítico, assim como de outros aspectos formadores da "identidade cultural" dos estudantes brasileiros. Busca-se, através de uma metodologia de pesquisa bibliográfica e qualitativa, analisar a construção de um perfil identitário do leitor brasileiro refletido numa rede social como o *Instagram*, tendo em vista o fenômeno da "identidade artificial" forjada nas redes e nas plataformas de "*streaming* cultural". Conclui-se que as redes sociais constituem espaços digitais que têm potencial tanto para ampliar desigualdades culturais e sociais quanto para promover um significativo desenvolvimento intelectual. Para que a melhor perspectiva prevaleça deveremos ensinar/aprender de uma vez por todas a combinar consciência tecnológica, senso crítico, responsabilidade e ética na nossa forma de consumir os conteúdos desses espaços virtuais.

Palavras-chave: Identidade Artificial. Gosto. Leitura. Cultura Brasileira. *Instagram*.

Abstract

The Brazilian scene presents a series of changes and uncertainties in the fields of literature, knowledge production, and science, justifying the need for a debate on the future paths of our culture in line with advances in the digital world. The aim of this study is to propose a reflection on the value of reading, autonomy in choices, literary taste, and critical thinking, as well as other aspects that shape the "cultural identity" of Brazilian students. Through a bibliographic and qualitative research methodology, we seek to analyze the construction of an identity profile of Brazilian readers reflected on a social media, such as *Instagram*, considering the phenomenon of "artificial identity" forged on network and "cultural streaming" platforms. It is concluded that social media are digital spaces that have the potential both to widen cultural and social inequalities and to promote significant intellectual development. For the best perspective to prevail, we must teach/learn once and for all to combine technological awareness, critical thinking, responsibility, and ethics in the way we consume content from these virtual spaces.

Keywords: Artificial Identity. Taste. Reading. Brazilian Culture. Instagram.

1. Introdução

Há bem pouco tempo toda a civilização esteve acometida por uma grave convulsão. E o Brasil, em particular, passou por momentos bizarros, protagonizando cenas dignas de um verdadeiro livro de terror, que deixariam um Edgar Allan Poe ou uma Mary Sheller no chinelo, como se diz por aqui. Tais assuntos, naquele período, ecoaram nas manchetes ao redor do mundo.

Talvez por essa saga pandêmica, e por tantas outras penosas histórias vividas não só no Brasil, mas na América Latina em geral, escritores brasileiros imaginaram em tempos passados e imaginam ainda hoje para o Brasil, um futuro no mínimo estranho, para não dizer, assombroso. Contrariando, dessa forma, o famoso slogan "Brasil, o país do futuro" eternizado pelo escritor austríaco Stefan Zweig, em 1941.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

E por ser a vida, em certos momentos, mais fantástica e mais contundente que a própria ficção, viu-se brotar dessa realidade caótica alguma matéria cultural, gerada a partir da dor e da indignação das pessoas, repetindo talvez o que já aconteceu no passado, quando o caos e a repressão tornaram os artistas/autores mais criativos, os fazendo buscar algumas formas extremamente criativas para reinventar o real através da arte.

Um bom exemplo dessa criatividade forjada no caos foi a preditiva obra do escritor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão. O autor de *Zero*, livro revolucionário e corajoso sobre a ditadura militar, publicado no Brasil em 1975, apresentou aos seus leitores as feições de um Brasil distópico e sem cores. *Zero* é um dos livros mais conhecidos de Loyola, mais polêmico e mais traduzido.

> "Foi o primeiro romance brasileiro que enfrentou a ditadura, que falou como era a ditadura neste país, com prisão, com tortura, com os desaparecimentos, a luta armada, com tudo que estava acontecendo", disse o autor em entrevista ao *Jornal Cândido*, do Paraná. (LOYOLA, 2021)

O autor-profeta, como é chamado aqui no Brasil, publicou também outra obra igualmente importante *Não Verás País Nenhum*, datada de 1981, que pressagiava um fatídico futuro para o nosso país. Loyola publicou ainda, em 2018, *desta terra nada vai sobrar, a não ser o vento que sopra sobre ela*, livro que se tornou referência na lista dos romances distópicos no Brasil, onde apresenta um universo futurístico e apocalíptico, onde além de mortes por peste, eutanásia e caos social, as pessoas sobrevivem sob o controle de câmeras e vigilância até em suas residências, como na célebre obra *1984*, de George Orwell.

Há alguns anos, em 2019, Ignácio de Loyola Brandão foi eleito como imortal da Academia Brasileira de Letras.

Muitos outros, como Loyola, também anteciparam algumas catástrofes sociais que abalariam aquele antigo sonho de um futuro alvissareiro para a nossa *"Terra Brasilis"*.

Apesar de tudo isso, historicamente falando, na nossa galeria de escritores magníficos, desde a poética satírica de Gregório de Matos, passando pelos versos românticos de Castro Alves, pelo nacionalismo de fundação dos textos de José de Alencar, seguindo com a primorosa prosa Machadiana e culminando com a obra mundialmente conhecida de Jorge Amado, a literatura brasileira produziu textos que foram e são até hoje bastante emblemáticos na literatura latino-americana e mundial.

Com o intuito de elaborar uma atualização desse panorama literário brasileiro para uma reflexão sobre o estado atual dessa literatura devem ser feitas ao menos duas perguntas: que tipo de literatura está sendo produzida e mais consumida nos espaços (físicos ou virtuais) culturais brasileiros hoje? E quem são os consumidores dessa literatura?

Para tal engenho propôs-se como objetivos deste estudo uma reflexão preliminar sobre as seguintes questões:1) o sistema literário e cultural no Brasil hoje; 2) identidade cultura: um "retrato

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

da leitura no Brasil"; 3) *Instagram*: sinais de uma identidade cultural artificial nas redes e 4) a autonomia das escolhas: o gosto literário e o espírito crítico, vistos estes quatro aspectos como formadores do "capital cultural" dos leitores brasileiros, para usar a expressão de Pierre Bourdieu. (Bourdieu, 2007)

O Capital Cultural para Bourdieu é o conjunto de habilidades, conhecimento, educação adquiridos ao longo da vida, além da forma de relação com a cultura e a arte na sociedade, que segundo a sua teoria, é uma das formas de capital que poderia definir hierarquicamente a posição de um indivíduo na sociedade. (Bourdieu, 2007)

Assim, para responder às perguntas de forma a acompanhar os movimentos atuais de consumo cultural dos brasileiros nas redes sociais e na internet em geral, empreendermos tal análise buscando teorias da sociologia e da literatura para observar como se dá a construção do perfil identitário do leitor brasileiro refletido nas redes sociais, a partir da rede social *Instagram e* o fenômeno da "identidade artificial" forjada nessa rede e em plataformas de "*streaming* cultural".

2 Marco Teórico

2.1 Sistema literário e cultural no Brasil hoje

O que Gonzalo Aguilar e Mario Cámara apud Silva (2017, p.147) chamaram de "Novo Ecossistema literário e Cultural" do século XXI talvez defina bem o suporte e o modo de publicação de livros na cultura brasileira contemporânea, que vem exigindo do escritor um imenso esforço para acompanhar o ritmo frenético da internet e das redes sociais, além de um constante empenho virtual nessas redes para que a sua obra cresça e apareça no universo digital e a sua assinatura seja consequentemente reconhecida.

Estão agora, os autores brasileiros, muito mais dependentes do seu grau de exposição nas mídias e do uso adequado dos aparatos tecnológicos. E, até muitos daqueles mais notáveis e proficientes precisam aprender a utilizar com desenvoltura os artifícios do marketing nas redes.

Segundo a pesquisadora Nadine Ferreira da Silva (2020), o *Kindle Direct Publishing* (KDP) é um desses lugares. Uma plataforma de autopublicação da *Amazon* que é um dos mais expressivos canais de publicação de textos, sejam eles literários ou não, de gêneros indefinidos, contemporâneos, demonstrando a força dessa tendência a um maior aproveitamento das tecnologias e do espaço virtual para a promoção dos livros no Brasil. (Ferreira da Silva, 2020)

Assim, tanto os autores de ficção como os de não-ficção, têm se debatido para tentar acompanhar o ritmo e os gostos de um leitor apressado, ávido por novidade e por rapidez, cabendo a eles agora obedecer ao que o mercado editorial lhes impõe.

Não obstante a esse panorama bastante duvidoso da cultura brasileira, a literatura distópica

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

ainda continua a reverberar no universo literário brasileiro e divide os seus holofotes com o espaço garantido e indiscutível que ocupa a Cultura Pop, as biografias, os escritos sobre Ancestralidade e Religião, a Literatura Negra e Feminina, a Literatura Periférica que dá voz aos marginalizados pela sociedade, além de alguns outros experimentos culturais de menor expressão.

Situações ficcionais que refletiram alguns momentos de angústia e de falta de esperança vividos nos últimos tempos, especialmente a partir do distanciamento social e do medo causados pela Pandemia de COVID foram e ainda hoje são retratados também em muitos livros e filmes.

Por outro lado, as pesquisas mais recentes mostram que o número de leitores no Brasil, que já não está em ascensão há anos, continua diminuindo, dando espaço a uma apatia e a um desinteresse do público no que se refere à criação e à crítica literária, não restando muito espaço para a formação do gosto literário e do espírito crítico.

Isso se justifica talvez porque hoje seja preciso muito mais para se destacar. Talvez porque para se representar artística ou literariamente a realidade, para agradar, para atrair a atenção das pessoas e alcançar leitores, seja preciso inventar novas formas de escrita, que dialoguem de alguma maneira, quem sabe, com a linguagem do meio digital, ou com as músicas mais tocadas nas plataformas do momento, com as séries da *Netflix* ou com outros Streamings e outras tecnologias mais recentes do mercado.

2.2 Identidade cultural e leitura no Brasil

Diversas foram as transformações estruturais que modificaram as visões culturais de nacionalidade, classe, gênero, sexualidade, etnia e raça que, em tempos passados nos classificavam enquanto indivíduos sociais.

Para um estudioso das questões identitárias como Stuart Hall (1994) as identidades deixaram de ser uma questão de "ser "para ser uma questão de "tornar-se". Nem o sujeito do Iluminismo, cuja identidade era fixa e nem o Sujeito do Socialismo, para o qual a construção da sua identidade iria depender das suas relações com o "outro" no grupo, se aproximam desse sujeito fragmentado e multifacetado que se apresenta nos espaços virtuais.

Para além dessas observações de Hall, as transformações tecnológicas continuaram a ocorrer no campo da comunicação e novas proposições, paradigmas e abordagens sobre as construções identitárias surgem a cada instante. A natureza dialógica da identidade, pressupõe uma busca constante do olhar do outro para a confirmação da sua existência. Eu existo porque outros me sabem.

Também a sociabilidade dos indivíduos é, consequentemente, modificada e influenciada pelos recursos tecnológicos e é assunto de ampla discussão atualmente. Daí o estado provisório do homem contemporâneo na sua efemeridade identitária. Sendo a cada dia tocado pelo outro que o

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

inspira e aconselha. Na busca pela sua própria identidade ele só se enxerga através do olhar do outro.

Segundo dados da 5ª edição de uma pesquisa "Retratos da leitura no Brasil", tivemos uma perda de 4,6 milhões de leitores entre os anos de 2015 e 2019. Segundo este levantamento a maior queda ocorreu em leitores do Ensino Superior. A pesquisa foi realizada pelo Instituto Pró Livro em parceria com o Itaú Cultural. (*Agência Educa Mais Brasil, 2021).*

A coordenadora do estudo, Zoara Failla, afirmou que os brasileiros leem em média, no máximo cinco livros por ano, citando a Bíblia como um dos mais lidos. A maior parte dos entrevistados na pesquisa informou que, apesar de estarem na internet e nas redes sociais na maior parte do seu dia, não sobra tempo para a leitura de livros. *(Agência Educa Mais Brasil, 2021)*

Já na sua 6ª edição, o mais recente levantamento da "Retratos da leitura no Brasil", desenvolvida com intenção de conhecer os indicadores e os hábitos de leitura de todos os brasileiros com mais de 5 anos, incluindo os leitores digitais, entrevistou 5.504 brasileiros e brasileiras, alfabetizados ou não, em 208 municípios brasileiros, e *traz os seguintes resultados:*

> Um dos objetivos da pesquisa é investigar as motivações e os hábitos de leitura. Em 2024, a principal motivação para leitura foi "gostar de ler" (26%), seguida por "distração" (15%) e "atualização cultural ou conhecimento geral" (15%). O tema ou assunto do livro é o fator que mais influencia os leitores na hora de escolher uma obra (33%), seguido pela capa (12%) e por dicas de outras pessoas (12%). A casa é o lugar onde a maioria dos leitores costuma ler (86%).

A pesquisa também aborda as barreiras para a leitura. Entre os leitores, a principal razão para não ter lido mais livros nos últimos 3 meses foi a "falta de tempo" (55%). Entre os não leitores, o principal motivo para não leitura foi "não gostar de ler" (33%). (Retratos da Leitura no Brasil, 2024)

A pesquisa traz resultados bastante alarmantes, onde pela primeira vez em toda a série da pesquisa já realizada, o número de não leitores (53%) supera o de leitores (47%), conforme mostram as tabelas abaixo:

Tabela 1: Percentual de população leitora (trimestral) no Brasil entre os anos 2011 e 2024, em relação à população total dividida por gênero.

ANOS				
	2011	2015	2019	2024
TOTAL	**50%**	**56%**	**52%**	**47%**
Homens	44%	52%	50%	44%
Mulheres	54%	59%	54%	49%

Fonte: Própria autora, adaptada do livro Retratos da Leitura do Brasil, 2025.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

Tabela 2: Percentual de população leitora (trimestral) no Brasil entre os anos 2011 e 2024, em relação à população total dividida por faixa etária.

ANOS				
	2011	2015	2019	2024
IDADE				
5-10 (anos)	66%	67%	71%	62%
11-13	84%	84%	81%	81%
14-17	71%	75%	67%	62%
18-24	53%	67%	59%	53%
25-29	47%	59%	55%	51%
30-39	48%	57%	53%	45%
40-49	41%	48%	45%	41%
50-69	33%	41%	38%	34%
70+	24%	27%	26%	32%

Fonte: Própria autora, adaptada do livro Retratos da Leitura do Brasil, 2025.

Também com a intenção de conhecer os hábitos culturais brasileiros, a Fundação Itaú realizou em 2024 uma pesquisa com 2.949 pessoas, entre 16 e 65 anos, de todas as classes sociais, regiões do país e raça/cor, onde teve-se que:

> Os resultados são um retrato do acesso, consumo e possibilidades de expansão dos hábitos e dos direitos culturais. Os dados refletem as particularidades e, inclusive, as desigualdades relacionadas à realização de atividades culturais. (Fundação Itaú, 2024)

A pesquisa revela ainda que:

> [...] há uma forte desigualdade no acesso à arte e cultura no país, em que pessoas com maior escolaridade e maior renda realizam mais atividades culturais. Isso aponta para a necessidade de pensarmos políticas públicas que visem uma maior democratização do acesso à cultura e na melhoria da condição de vida da população brasileira, de modo que a cultura seja tratada enquanto direito e não como privilégio. (Fundação Itaú, 2024)

A partir desse retrato do panorama brasileiro da leitura tem-se um indicativo de que precisamos com urgência construir um mapeamento das atividades desses leitores a partir das suas redes sociais e *streamings* mais usados, para então podermos pensar em estratégias para aumentar a quantidade de leitores e do consumo de literatura no nosso país.

O desafio é enorme, mas necessário, se considerarmos as convergências que têm sido mais regularmente destacadas, na medida em que esses dispositivos digitais e serviços de *streaming* (este último em menor escala por causa das desigualdades sociais que impedem o acesso às plataformas pagas) são amplamente popularizados, refletindo a queda substancial no acesso aos textos literários e no hábito da leitura dos nossos estudantes.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber.
ISSN: 2675-9128. São Paulo-SP.
Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

Possivelmente esse mapeamento de usos nos levará a algumas pistas sobre de que forma deveremos interceder enquanto educadores no sentido de alcançar melhores índices de leitura no nosso país.

2.3 Instagram: sinais de uma identidade cultural artificial nas redes

O *Instagram* é hoje um ambiente certo de encontro entre as pessoas que querem, não somente interagir, mas conhecer de tudo um pouco. De receitas culinárias, de saúde e de bem-estar até carteiras de investimentos. Neste espaço, e em tantos outros similares ao *Instagram*, como *TikTok*, *YouTube* etc., todos pretendem ser criativos, originais e até perfeitos.

Nesse ambiente acontecem os rápidos debates e exposições de teorias e ideologias de usuários, que, de forma bastante inconsistente e efêmera, expressam opiniões e dão informações que, muitas das vezes, no minuto seguinte já não podem ser sustentadas.

Já as plataformas de Streaming, que são especialistas em preparos de *fastfoods* culturais para serem consumidos e digeridos pelos seus usuários, promovem uma falsa sensação de saciedade intelectual e a assunção de uma personalidade igualmente imposta pelo outro, passando longe de um estado de consciência da memória individual e do gosto, assim como do espírito crítico.

É provável por isso, que que passemos em breve (se não já estamos passando) por uma necessidade de reinvenção de alguma nova forma de valorização da essência humana como algo próprio a cada um. Algo particular. Precisamos voltar a nos interessar muito mais pela nossa identidade (tanto individual quanto coletivamente) assim como pela nossa capacidade de escolher, do que por apenas aquilo que o algoritmo tem nos dados.

Essa reflexão sobre os pilares da formação de uma possível e nova identidade cultural brasileira é imperativa para nós, para tentarmos entender através dos "vendedores" e dos "compradores" dessa cultura, quem somos hoje e o que queremos consumir em termos de produtos culturais.

Ainda segundo o levantamento feito pela Fundação Itáu sobre o acesso à cultura, as redes sociais são a principal fonte de informações das atividades culturais, seguidas

> da indicação de amigos ou parentes, propagandas e informações divulgadas em jornais, revistas, TV, rádio ou internet. Mas já aqui as diferenças de acesso entre as classes sociais começam a aparecer. (Fundação Itaú, 2024)

A falta de uma crítica tecnológica que discuta as ações dos famosos "conselheiros" e das infinitas "sugestões" do "gosto" encontradas em plataformas e ferramentas digitais que nos acompanham dia e noite, estão, entre outras questões, no centro da problemática que envolve a promoção dessa falsa identidade a que chamamos aqui de "identidade artificial", que irá retardar ou

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

retrair, em muitos aspectos, o crescimento sociocultural dessas pessoas e contribuir para o não desenvolvimento do gosto e do espírito crítico nos nossos leitores.

2.4 A autonomia das escolhas: o gosto literário e o espírito crítico

A era digital trouxe, juntamente com o gigantesco desenvolvimento social, imensos desafios relacionados à segurança, à privacidade, às relações humanas e mais recentemente ao cansaço e à exaustão mental das pessoas pelo excesso de informação e em muitos casos de desinformação veiculados diariamente nas diversas mídias. Como resultado de toda essa inovação tivemos mudanças profundas nas formas de comunicação, de aprendizagem e de consumo em geral.

Vivemos uma "realidade virtual" em que os sistemas que definem culturalmente o nosso perfil intelectual e consequentemente a nossa identidade (talvez porque não consigamos mesmo defini-la) trabalham com base no algoritmo. A partir dos nossos sinais e usos diários desses sistemas e redes, são traçadas as definições do nosso domínio cultural e do nosso gosto. As Big datas reúnem tudo sobre nós, enquanto nós vamos pouco a pouco tomando consciência de quais caminhos e meios usados por essas empresas para chegar a esse desenho ou compreensão de quem somos ou do que gostamos.

Dessa forma, destina-se neste estudo um olhar especial para essa possível identidade cultural brasileira enquanto construto das redes sociais e dos "aplicativos culturais" gerando o "fenômeno da identidade artificial", cujo resultado são os perfis identitários forjados nas plataformas de *streaming* cultural e aceitos e reconhecidos pelos seus usuários como fiéis representações de suas escolhas e gostos.

A fórmula parece simples. É como se sempre que desejássemos comer algo, devêssemos apenas dar ao outro o nosso prato para que nele seja colocado algo que não sabemos que quereremos, mas de que podemos gostar. E assim perderemos cada vez mais a nossa capacidade de escolha. Não sabemos ao certo o que temos ou não vontade de consumir, pois de acordo com o perfil, aquele que foi traçado para mim, eu deveria gostar disso e não daquilo.

No dizer irônico de Canclini (2019) o algoritmo não só pensa e decide melhor que nós, como também tem gostos. Ou seja, quando buscamos algo no Google, este irá satisfazer o gosto do algorítimo, em lugar do gosto humano.

Para Pierre Bourdieu (2007) o gosto nos define e nos distingue, e esse afastamento cada vez mais de um estado de consciência e de uma compreensão da definição do que seja "gosto", assim como dos fatores que moldam formação e o refinamento das nossas escolhas são grandes perigos para a cultura e para a sociedade atualmente.

Temos ao nosso dispor um cérebro artificial que nos indica as nossas necessidades de

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

consumo cultural (seja de séries, filmes, músicas, e em poucos casos, dos livros de literatura), ajudando a empobrecer cada vez mais a nossa curiosidade cultural.

Daniel Verdú (2016) nos diz que, "de alguma forma, a Internet e as plataformas de *streaming* cultural trouxeram à tona um universo parecido com o que Borges descreveu em *A biblioteca de Babel"*. Amplio esta afirmação de Verdú, para acrescentar que, se para Borges a totalidade da Biblioteca estaria fora do nosso alcance observável, estão também igualmente fora do nosso controle a Internet e as redes sociais.

E, paradoxalmente, aos termos todas as coisas ao nosso alcance, não damos conta de observar e entender esse universo tão vasto. Talvez mesmo pela angústia de não enxergarmos direito quando somos expostos ao excesso da luz e de tantas informações, nossa visão tenha se tornado ofuscada pela imensidão de coisas ao nosso redor.

O escritor Ítalo Calvino, adivinhando o futuro, em 1990, no seu ensaio "Visibilidade", escreveu sobre o lixo imagético oferecido pelas diversas mídias, do qual nos tornaríamos grandes acumuladores. Seremos (se não já estamos) soterrados pelo acúmulo de informações desencontradas e desconexas do nosso imenso depósito de memórias e aprendizados. É ele quem diz:

> Hoje somos bombardeados por uma tal quantidade de imagens a ponto de não podermos distinguir mais a experiência direta daquilo que vimos há poucos segundos [...]. Em nossa memória se depositam, por estratos sucessivos, mil estilhaços de imagens, semelhantes a um depósito de lixo, onde é cada vez menos provável que uma delas adquira relevo. (CALVINO, 1990, p. 107).

O escritor italiano talvez não imaginasse há cerca de três décadas, quão rápido chegaríamos a esta condição, soterrados não somente pelas imagens, mas também pela quantidade incalculável de textos e informações gerais que circulam diariamente nos meios digitais.

3. Metodologia da pesquisa

Atendendo às exigências da pesquisa científica e acadêmica, este estudo seguiu alguns caminhos metodológicos que devem ser explicitados. São eles: pesquisa bibliográfica e abordagem de natureza qualitativa.

A pesquisa tem natureza bibliográfica pois, como quer Gil (2002, p.59), partiu da experiência da autora "cotejada coma a experiência de outros autores nesse campo". Para isso foram cumpridas as etapas inerentes a este modelo de estudo desde a escolha do tema, passando pela busca e leitura das fontes, até a redação do texto final.

A escolha da abordagem qualitativa para este tipo de temática foi essencial e eficaz, pois permitiu uma análise onde foi possível explorar experiências, percepções e significados, relativos ao

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025
estudo, com foco na interpretação do fenômeno analisado, como aqui, nas análises das questões sobre leitura, redes sociais (o caso específico do *Instagram*), identidade cultural no Brasil e caminhos da cultura.

Lakatos e Marconi (2003) asseveram de forma adicional que a abordagem qualitativa permite a interpretação do fenômeno a partir da subjetividade dos indivíduos, levando em consideração a perspectiva dos atores nele envolvidos.

4. Análises e Discussões

Levantaram-se aqui algumas questões surgidas ao longo do estudo sobre a construção identitária e o comportamento cultural dos leitores brasileiros que poderão ser investigadas em pesquisa futura:

Quais correlações e aspectos gerais dos hábitos de leitura podem ser evidenciados nos estudantes ao usar as mídias sociais?

A indiferença de muitos dos estudantes em relação à leitura de livros provém apenas do convívio com outros tipos de entretenimentos, estímulos, emoções, alimentados nas redes que terminam por absorver e desviar cada dia mais as pessoas¿ Há outros fatores igualmente importantes?

É, pois, na tentativa de melhor entender o contexto do processo de midiatização de práticas e interações, que defendemos aqui a necessidade urgente de mais pesquisas que analisem a reconfiguração da cultura na cena do *streaming e das redes sociais.*

Mesmo sem pretender apresentar respostas definitivas aos problemas aqui investigados, infere-se neste ponto que o incentivo ao debate sobre os novos rumos para os quais caminha a cultura brasileira contribuirá para uma mais apurada observação sobre os usos das redes e das plataformas pelos estudantes brasileiros como fontes principais de consumo de cultura e em particular de literatura.

Pesquisas para investigar dados importantes como faixa etária, nível de escolaridade e classe social dos consumidores de literatura no Brasil atual serão necessárias complementarmente, para ampliar a compreensão dessa literatura produzida hoje no país e da identidade artificial cultural dos consumidores que se delineia no horizonte do nosso país.

5. Considerações Finais

Compreender o fenômeno dessa identidade cultural artificial, quando este apresenta-se entrelaçado com as diversas plataformas, inteligências artificiais e aparatos tecnológicos é algo de fato complicado, pois a questão a ser discutida vai muito além do gosto literário e da visão particular

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

que cada um de nós tem do mundo e do outro.

Na verdade, o que preocupa no campo da Educação é que há uma percepção por parte de nós professores, de que essa falsa identidade está se calcificando nos estudantes, em especial nesta última década.

É inegável que a força da influência digital tem sido gigantesca sobre as pessoas. Seja no campo da saúde, da moda, da política. Seja nos discursos, nas narrativas, no comportamento, nas escolhas profissionais, estamos todos muito atentos ao que os "gurus" digitais nos apontam.

Por isso os livros e os escritores precisam aparecer mais frequentemente em espaços digitais como o *Instagram* e tantos outros. A literatura precisa de mais visibilidade. A leitura de textos literários precisa ser estimulada e trazida para o centro dessas mídias como todos os outros assuntos do cotidiano. Já é sabido que ninguém se torna um leitor fora do seu contexto, pois a leitura precisa estar intimamente ligada às experiências da vida, à sensibilidade individual e aos acontecimentos nos espaços diários, que são cada vez mais virtuais.

Parece estar aí a principal razão dessa indiferença dos estudantes em relação à leitura de livros. O convívio com outros tipos de entretenimentos, outros estímulos, outras emoções, alimentadas nas redes terminam por absorver e desviar mais ainda este público. Com isso, um tipo de analfabetismo sociocultural parece prevalecer. Aprendemos a ler, a escrever, a usar a tecnologia, mas conhecemos cada vez menos a nossa cultura, a nossa literatura, a nossa história, e aprendemos menos ainda a refletir sobre a nossa própria identidade cultural.

Assim, esse excesso de inércia com relação às escolhas, deixando totalmente a cargo da Inteligência Artificial o que iremos ler, ouvir, consumir, como qualquer outro tipo de excesso, fará estragos irreversíveis.

Nesse contexto, ressaltamos a necessidade de reafirmarmos para além das fronteiras da Universidade e para dentro das redes sociais e Streamings, uma cultura que retome o estímulo da capacidade reflexiva, do espírito crítico, da inventividade e da valorização da nossa memória cultural, promovendo assim discussões, acadêmicas ou não, que sejam mais participativas e atraentes, como o são em todas essas plataformas.

A prática da leitura crítica, cada vez mais necessária em qualquer idade e em todos os campos do conhecimento, como competência imperativa para o acesso ao mundo e para o autoconhecimento é o que está em jogo, assim como está também em risco o futuro do Brasil do qual falamos no início dessa discussão.

Conclui-se que espaços como o *Instagram* e outras redes similares, como por exemplo, o *YouTube*, tema de outra discussão que irá dar continuidade a essa pesquisa, constituem recursos digitais que têm potencial tanto para ampliar desigualdades culturais e sociais quanto para promover um significativo desenvolvimento intelectual. A escolha pelo melhor caminho é nossa. E para que

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

esse último cenário prevaleça deveremos aprender de uma vez por todas a combinar consciência tecnológica, senso crítico, responsabilidade e ética na nossa forma de consumir nesses ambientes.

Somente assim, poderemos resistir e profetizar, ao contrário daqueles velhos anunciadores do caos e da ignorância, um futuro mais promissor e esperançoso para o nosso povo brasileiro, onde, talvez, a melhor saída seja "acreditar literatura e desacreditar outros remédios", adaptando para a questão literária as palavras do Padre Antônio Vieira, em seu emblemático Sermão do Mandato sobre o amor (1643). Precisamos também com urgência reencontrar essa nossa essência sensível e sedutora. Essa essência quase esquecida, que em outros tempos levou o escritor baiano Jorge Amado, o grande "amigo dos homens" (como quis chamá-lo o ensaísta alemão Günter Lorenz), a se voltar de forma tão apaixonada para a descrição viva, realística e encantada, da cultura, da religião e dos costumes de um povo, paradoxalmente tão alegre e tão oprimido.]

REFERÊNCIAS

OURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. trad. Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Zouk Editora, 2007.

CALVINO, Ítalo. **Seis Propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
CANCLINI, Néstor García. **Ciudadanos reemplezados por algoritmos**. Guadalajara: CALAS, 2019.

DANIELA MERCIER. **Lélia Gonzalez, onipresente**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html?rel=lom. Acesso em: 27 out. 2020.

ESCOBAR, Pepe. A silenciosa ditadura do algoritmo. Disponível em: https://outraspalavras.net/sem-categoria/a-silenciosa-ditadura-do-algoritmo/. Acesso em: 03 jan. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HOLANDA, Heloísa B. de. **Cultura em trânsito**: da repressão à abertura. São Paulo, 2000.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. ***Fundamentos de metodologia científica***. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEITURA no Brasil: falta tempo para os livros, mas sobra para as redes sociais. Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/leitura-no-brasil-falta-tempo-para-os-livros-mas-sobra-para-as-redes-sociais/. Acesso em: 27 out. 2020.

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da Cultura Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Ática, 1977. p. 36.
RETRATOS da leitura no Brasil. 6ª Edição. Publicada em 2024. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wpcontent/uploads/2024/11/Apresentac%CC%A7a%CC%83o_Retratos_da_Leitura_2024_13-11_SITE.pdf. Acesso em: 22 out. 2025.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Ano V, v.2 2025 | submissão: 26/10/2025 | aceito: 28/10/2025 | publicação: 30/10/2025

SANTIAGO, Silviano. Repressão e censura no campo das artes na década de 70. *In*: **Vale Quanto Pesa.** Rio de janeiro: Paz e Terra, 1982. p. 49.

SILVEIRA, Daniel. Brasil ganha 10 milhões de internautas em 1 ano, aponta IBGE. Disponível em: https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/12/20/numero-de-internautas-cresce-em-cerca-de-10-milhoes-em-um-ano-no-brasil-aponta-ibge.ghtml. Acesso em: 11 jul. 2019.

UM ESCRITOR na Biblioteca. Ignácio de Loyola Brandão. Edição 114. Entrevista. Jan. 2021. Disponível em: https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Um-Escritor-na-Biblioteca-Ignacio-de-Loyola-Brandao. Acesso em: 15 fev. 2021.

UMA PESQUISA sobre os hábitos culturais da população brasileira. Disponível em: https://fundacaoitau.org.br/observatorio/dados/paineis-dados/dados-habitos-culturais. Acesso em 22 out. 2025.

VERDÚ, Daniel. O gosto na era do algoritmo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/07/cultura/1467898058_835206.html. Acesso em: 01 jul. de 2019.

VIEIRA, Antônio. Sermão do Mandato (1643). Disponível em: https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=149165. Acesso em 25 out. 2025.

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença CreativeCommons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.